

A Arquitetura de Oscar Niemeyer em Brasília: Aspectos Psicossociais¹

Edson Alves de Souza Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Neste artigo, refletimos sobre critérios de usuários de prédios públicos na avaliação psicossocial da arquitetura de Niemeyer em Brasília. Adotamos a formulação de Moscovici (1961/1976) como referencial teórico principal, que considera o fenômeno das representações sociais como um tipo de conhecimento/prática social do senso comum a respeito de produções acadêmicas e profissionais. Participaram da pesquisa 71 usuários de ambos os sexos e três níveis de escolaridade, segundo finalidade declarada no prédio, seja para turismo/lazer, seja para trabalho, esporádico ou regular. Pedimos aos participantes que fizessem desenhos do prédio *por dentro* e *por fora*, e os descrevessem, verbalmente. Eles foram contatados no próprio local do prédio, segundo estivessem no Congresso Nacional, Teatro Nacional ou Catedral. Os prédios foram descritos através dos seguintes temas/ atitudes: físico-espacial e apropriação individual/social *por fora* (ambos temas considerados como favoráveis), enquanto prevaleceram descrições neutras e desfavoráveis sobre os mesmos temas *por dentro*. Os resultados foram modulados por escolaridade, gênero, tipo de prédio, tipo de usuário. As estratégias de apreensão foram material, acabamento, parte, interligação, elemento plástico, estrutura e circulação. Foram discutidos dois aspectos do fenômeno: importância coletiva da obra de Niemeyer para a história da cidade de Brasília como capital do país e sua inserção dentro do modernismo abstracionista.

Palavras-chave: arquitetura; representações sociais; psicologia social; Oscar Niemeyer.

ABSTRACT

The Psychosocial Aspects of Oscar Niemeyer's Architecture in Brasília

In this article, we reflected on building user's criteria for psychosocial assessment of Oscar Niemeyer's architecture in Brasília. We adopted Moscovici's formulation as our theoretical reference, which considers the social representations' phenomenon as a kind of common sense social knowledge/practice to face academic/professional productions. The 71 participants were from both genders and three different schooling levels, and distributed according to their main purpose in the building, whether for tourism/leisure or work/sporadic or regular users. We asked participants to draw the building, separately, from the outside and from the inside, and then they were required to provide a verbal description of their own drawings. Participants were approached at the following buildings: National Congress, National Theater or Cathedral. The buildings were described through the following themes/attitudes: physical-spatial and individual/social appropriation from the outside (both those themes were considered as favorable), while neutral and unfavorable attitudes prevailed about the same themes from the inside. The results were modulated by dimensions such as schooling, gender, type of building, type of users, among others. Users' general apprehension strategy in order of frequency was as follows: material, finish, part, interconnection, plastic element, structure and circulation. We discussed two basic aspects of the phenomenon: the collective importance of Niemeyer's work to the history of the city of Brasília as the capital of Brazil and its insertion within the frames of the international abstractionist modernism movement.

Keywords: architecture; social representations; social psychology; Oscar Niemeyer.

Os estudos a respeito das relações psicossociais entre o homem e o espaço construído têm uma história recente. Eles surgiram em decorrência do aumento da complexidade não só da atividade de construção do

espaço, mas de transformações sociais, culturais e políticas de indivíduos e grupos envolvidos no uso do espaço construído. O objetivo principal deste trabalho é analisar o modo de representar socialmente o espaço

construído da arquitetura a partir da ótica do usuário, tomando como base uma pesquisa empírica a respeito de prédios públicos de Oscar Niemeyer em Brasília.

Podemos dizer que as trocas entre os protagonistas da construção do espaço, especialistas e não especialistas, sempre ocorreram. Mas essas trocas deixaram de ser feitas através de interações diretas na medida em que os especialistas passaram a projetar e executar construções de uso público ou privado em escala industrial e segundo critérios não escolhidos por parte dos usuários, num ambiente social de ampliação de escolarização e democratização política, gerando muitas vezes insatisfação, perplexidade, conflito e rejeição. Nesse sentido, podemos ler num livro de antologia do urbanismo que, até os anos sessenta, houve oscilação entre utopias e realidades (Choay, 1965), mitos e questionamentos (Bicca, 1985). De lá para cá tem havido um aperfeiçoamento crescente das trocas entre especialistas e não-especialistas a respeito do espaço construído. Pode-se levantar a hipótese de que existem dificuldades de comunicação entre especialistas e não especialistas na medida em que estes não conseguem desenvolver um discurso/prática em que *ambos* os polos da construção do espaço não são considerados simultaneamente, em termos de interesses, instrumentos, perspectivas culturais, ações e resultados. Ou seja, um sintoma dessa situação de defasagem é quando os usuários separam radicalmente o exterior e interior de um espaço construído, por exemplo, em termos de espaço público e privado. Inicialmente, poderíamos verificar tal situação histórica a partir da perspectiva dos usuários.

Podemos afirmar que tem sido dada mais ênfase a aspectos racionais na construção e avaliação do espaço, através de linguagens verbais, que costumam veicular tanto conteúdos considerados convencionais, quanto temporariamente convenientes, muitas vezes para atender expectativas de grupos mais influentes na sociedade (Bourdieu, 1984), mantendo outros conteúdos latentes ou inconscientes, conforme o caso. Nesse sentido, uma psicóloga social italiana (De Rosa, 1987), pesquisando atitudes em relação ao doente mental por meio de questionários, constatou que havia uma tendência de respostas favoráveis entre os grupos em função do aumento da escolaridade e idade, o que não se dava quando os mesmos se expressavam através de desenhos sobre o mesmo assunto, as atitudes tendendo a manterem-se desfavoráveis. Ela interpretou tais resultados com o uso de questionários, em função da busca de construção de auto-imagem social para seguir tendência influente no espaço público de

atitude favorável ao doente mental, mantendo em nível latente os conteúdos desfavoráveis a respeito. Já os conteúdos explicitados através do desenho, segundo a mesma pesquisadora, seriam consequência da influência de uma iconografia cultural italiana impregnada de imagens desfavoráveis em relação aos doentes mentais.

No âmbito do consumo de obras culturais, por sua vez, a influência acadêmica ou política parece marcar muito o modo de apreensão das mesmas, prejudicando a expressão de indivíduos e grupos fora desses padrões culturais e políticos. Apesar disso, nos países onde existe discrepância de critérios de avaliação cultural entre estes ambientes de exposição de arte e os diferentes meios sociais fora daí, costuma ocorrer explicitação de critérios culturais dos indivíduos e grupos e consequente dificuldade de comunicação – fenômenos que poderiam ser compreendidos de modo mais completo por meio de métodos indiretos de consulta. Assim, um estudo sobre ações urbanas de invasão de terrenos mostrou que elas não se reduziam à improvisação desorganizada, seguindo uma estratégia racional complexa menos conhecida por urbanistas (Del Prette & França, 1991). Do mesmo modo, os métodos de autoconstrução de moradias populares poderiam ser considerados mais elaborados do que aparentavam à primeira vista (Drummond, 1981). Antes de tudo, se tratam de divisões sociais que impedem a comunicação e a informação de circular adequadamente, em função de tendência sistemática de não considerar como válidos e legítimos outros tipos de epistemologias do senso comum, que poderiam dinamizar a sociedade de modo mais radical.

Ao lado disso, a arquitetura e as artes plásticas vêm passando, desde a modernidade, por um processo de transformação muito intenso e rápido em termos de conceito, tecnologia, relação com o público (Frampton, 2003). Tal processo histórico empreendido por profissionais e inventores do espaço construído, que poderíamos dizer de afastamento, senão de ruptura com o senso comum (Gullar, 1999), gerou um fenômeno de representações sociais na sociedade. Ou seja, depois de um longo período em que as obras de arte podiam ser apropriadas pelo menos parcialmente por parte de leigos (Eco, 1991), surgiram tendências estéticas internacionais no século XX que levaram a arte, sobretudo após os anos cinquenta, para buscas conceituais e existenciais fora do senso comum, gerando dificuldades tanto de produção (Baudrillard, 1997), quanto de comunicação de arte com o público em geral (Gullar, 1993). No âmbito da arquitetura, mais especifica-

mente, na modernidade, mesmo empregando tecnologias avançadas, muitos arquitetos – talvez por força da necessidade de comunicação e financiamento público maior dos seus trabalhos – usaram por um longo período linguagens relativamente acessíveis para o grande público (Reznik, 1989). Apesar disso, acreditamos que o processo de produção arquitetônica intensificou a tendência de especialização ao longo de todo século XX, inclusive depois de consolidação da publicidade em termos tecnológicos, quando o emprego de psicologia de massas aumentou sobremaneira, existindo algumas similaridades entre os shoppings e museus em termos de propostas de relacionamento entre o público consumidor e objetos nos ambientes de exposição, cabendo mais pesquisas.

A teoria das representações sociais, de Moscovici (1961/1976), formalizou o modo de apropriação e transformação de uma teoria de origem acadêmica – a Psicanálise – por parte de leigos e outros personagens. Segundo o autor, a situação cotidiana urbana e moderna em que um sujeito entra em contato e atua em relação a um objeto como uma obra de arquitetura, é geradora de conhecimentos e práticas relativamente livres a seu respeito. Tal atividade psicossocial seria mediada por conteúdos socioculturais preexistentes no repertório do sujeito, mas, sobretudo, expressamente construídos para este fim. Para Moscovici, as representações sociais poderiam ser manifestar a partir de dois aspectos fundamentais: objetais e conceituais, os quais constituiriam processos de formação de conhecimentos e práticas sociais. A *objetivação* se daria a partir da materialização/concretização do objeto em função de seleção e descontextualização de dimensões físicas do mesmo; naturalização, transformando o objeto de representação em algo da natureza. Já a *ancoragem*, seria o processo de reconstrução do objeto em termos de atribuição de sentido e uso social que se dá ao mesmo. Ambos os processos de produção de representações sociais se dariam segundo critérios dos próprios sujeitos, culturais, históricos, políticos, etc. Ou seja, mesmo quando o sujeito usa um repertório de outro grupo ou, mesmo, de algum conhecimento remoto e às vezes abandonado do seu próprio grupo, ele o faz em situação, nem sempre reproduzindo os mesmos significados anteriores, tendo em vista o dinamismo social vivido em cidades, onde existe pressão constante para pensar e apresentar posições sobre vários assuntos novos.

Ademais, o mesmo autor em seu modelo teórico tratou de dimensões do conhecimento social informal em que as atitudes, ou posturas globais do sujeito em

relação ao objeto, favorável, neutra ou desfavorável, orientam a conduta e pensamento do sujeito. A informação foi outra dimensão considerada por Moscovici, levando em conta que existem aspectos no caso de uma teoria acadêmica, como os conceitos descritivos e explicativos, que fazem parte intrínseca do objeto. Tendo em vista a situação histórica dos leigos de pouco repertório verbal sobre objetos acadêmicos, muitos analistas frequentemente consideram essa dimensão a partir de significados usados para tratar dos mesmos, sem levar em conta se eles são pertinentes ou intrínsecos. Do mesmo modo a outra dimensão, a do campo de representação ou imagem, supõe que um objeto de representação se organize em conjuntos articulados, em formatos que tendem a um discurso social, combinando elementos de atitude e informação/significados, para o qual é necessário um repertório mínimo. Acreditamos que o uso do desenho, sobretudo no caso da arquitetura e urbanismo, facilite a expressão desses conjuntos, tendo em vista que esses objetos de conhecimento já apresentam conteúdos plásticos em seus produtos, como outros objetos sociais espaciais já estudados pela psicologia social (Galli & Nigro, 1987; Milgram, 1984).

É preciso dizer que muitos conhecimentos especializados sobre arquitetura e urbanismo não são buscados pelos sujeitos em função de falta de envolvimento psicológico com o assunto, merecendo igualmente atenção e pesquisa sob pena de emergência de fenômenos de anomia, muito comum em sociedades que perderam a expectativa de ação racional no espaço público, que geram vácuos de poder sócio-cultural preenchidos por uns indivíduos e grupos em detrimento de outros. Supomos que a atividade de construção do espaço por parte da sociedade passa pela adoção de uma perspectiva em que os leigos, independente de seus níveis de escolaridade ou classe social, são capazes de assumir plenamente, como indivíduos e grupos particulares, suas diferenças sócio-culturais, suas autonomias de pensamento e ação, suas delimitações espaciais, do corpo ao ambiente físico objetivo.

A obra do arquiteto Oscar Niemeyer obteve projeção nacional e internacional (Ragon, 1986; Segawa, 2002), tornando-se um símbolo coletivo tanto para a cidade de Brasília quanto para o país, merecendo avaliações mais aprofundadas. Parte do sucesso obtido pelo arquiteto brasileiro se deve a sua capacidade de tornar objetos de inspiração abstracionista e geométrica, de natureza mais intelectual e especializada, em figuras plásticas familiares, como os conhecidos «pratos» do prédio do Congresso Nacional ou, mais

recentemente, o “disco voador” ou “taça”, do Museu de Arte contemporânea de Niterói e o “olho” do Museu Oscar Niemeyer, de Curitiba. Mesmo assim, entre alguns arquitetos e usuários, é comum ouvir a queixa de que os trabalhos de Niemeyer seriam, por assim dizer, “esculturas” inventivas, feitas mais para serem contempladas esteticamente do que prédios construídos para serem usados como qualquer outro, cabendo um estudo psicossocial mais sistemático a respeito.

O espaço construído tem sido estudado por psicólogos e arquitetos a partir de várias abordagens psicológicas, psicossociais, entre outras (Canter & Monteiro, 1984; Czchowski, 1990; Fischer, 1980/1989; Lévy-Leboyer, 1980; Moles & Rohmer, 1978; Monteiro, Roazzi & Figueiredo, 2006). Trata-se de uma área em fase de consolidação no Brasil e outros países, entre os quais se incluem os trabalhos usando a abordagem das representações sociais. Segundo esta última abordagem, o analista trabalha com os conteúdos mentais e comportamentais que emergem espontaneamente das verbalizações/ações com relação ao objeto de representação social.

A hipótese de partida do nosso estudo foi a de que as representações sociais da arquitetura moderna, traduzida na obra de Oscar Niemeyer, apresentam atitudes ambivalentes, os conteúdos favoráveis relacionados aos aspectos físico-espaciais externos e os desfavoráveis sendo mais relacionados aos aspectos internos, independente de apropriações individuais e/ou sociais.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa seguiu os critérios de conduta ética em investigações com humanos. Os participantes foram contatados informalmente, ao acaso, em frente aos prédios a serem considerados. Caso consentisse a participar da pesquisa acadêmica promovida sobre o prédio onde estivesse chegando, o participante recebia as instruções e materiais necessários, como prancheta, papel e lápis. Foram 71 participantes de ambos os sexos, dos quais 50,7% eram do sexo masculino e 49,29% feminino. A média de idade dos participantes foi de 30,35 anos, dos quais 32,4% se apresentaram nos prédios onde realizamos a pesquisa como sendo turista/em lazer; 18% como trabalhadores esporádicos; e 29% como trabalhadores regulares. A distribuição de níveis de escolaridade entre os participantes foi como se segue: 46,5% de nível fundamental; 28,2% de nível médio; e, 22,5% de nível superior.

Instrumento e procedimento

Elaboramos e aplicamos um questionário específico para estudar as representações de objetos arquitetônicos. Solicitamos que os participantes fizessem um desenho do prédio onde eles estivessem *por fora*, incluindo tudo o que julgassem importante, tal como suas experiências individuais nele. As partes do desenho deveriam ser enumeradas e, em seguida, descritas pelos participantes por escrito. Posteriormente, solicitamos a descrição por desenhos e palavras da mesma edificação *por dentro*. Por último, pedimos que os participantes apresentassem dados sobre si mesmos, incluindo informações sobre os seus pais, assim como data de chegada em Brasília. Houve boa receptividade em relação ao questionário.

Análise do material coletado

Fizemos uma análise de conteúdo temático (Bardin, 1991) do material, tal como veiculado por escrito e desenhado pelos participantes. Uma categorização temática foi formulada. A parte dos desenhos foi analisada por meio de método derivado de contribuições de vários autores, entre os quais mencionáramos Barthes (1957), Graumann (1976, citado por Pol, 1988), Anzieu (1979), De Méredieu (1990), Joly (1993) e Vygotsky (2009). O procedimento que adotamos consistiu em trabalharmos exclusivamente com os significados manifestos, simultaneamente, nos desenhos e verbalizações sobre os mesmos, deixando de lado os conteúdos com significado múltiplo. Trabalhos com dois analistas independentes, entre os quais encontramos concordância em 90% do material analisado.

Em geral, o material foi organizado segundo cinco grandes categorias gerais: físico-espacial (tridimensional, iluminação, material, bidimensional, ventilação e acústica); apropriação individual (imaginar, fazer, ver, circular, sentir); apropriação social de indivíduos considerados em grupos (fazer, ver, circular, sentir, imaginar); aspectos sócio-culturais (intelectual, religião/misticismo, beleza em geral); funções sociais (valores, tipo de usuário, função intrínseca à edificação, função extrínseca à edificação).

Os dados foram analisados principalmente a partir de distribuição geral de frequências temáticas, para atingir dois objetivos principais: 1) comparar representações usadas para tratar dos prédios *por fora* e *por dentro*, segundo atitudes de conotação favorável, neutra e desfavorável; 2) verificar possíveis associações entre representações e dimensões relacionadas ao tipo de atividade vivida/praticada nos prédios, bem como

os tipos de prédios, sexo, escolaridade, entre outros. Para tanto, analisamos os dados verbais em termos de testes estatísticos de qui-quadrado e de médias de frequência por meio do SPSS.

Abaixo apresentamos alguns exemplos de desenhos, utilizados para confirmar e ampliar analítica-

mente a elaboração psicossocial verbalizada dos participantes a respeito das obras arquitetônicas, *por dentro e por fora*, acompanhados por dados individuais dos participantes, tais como sexo (F=feminino; M=masculino), idade, escolaridade (fundamental, médio e superior) e local de moradia na cidade.

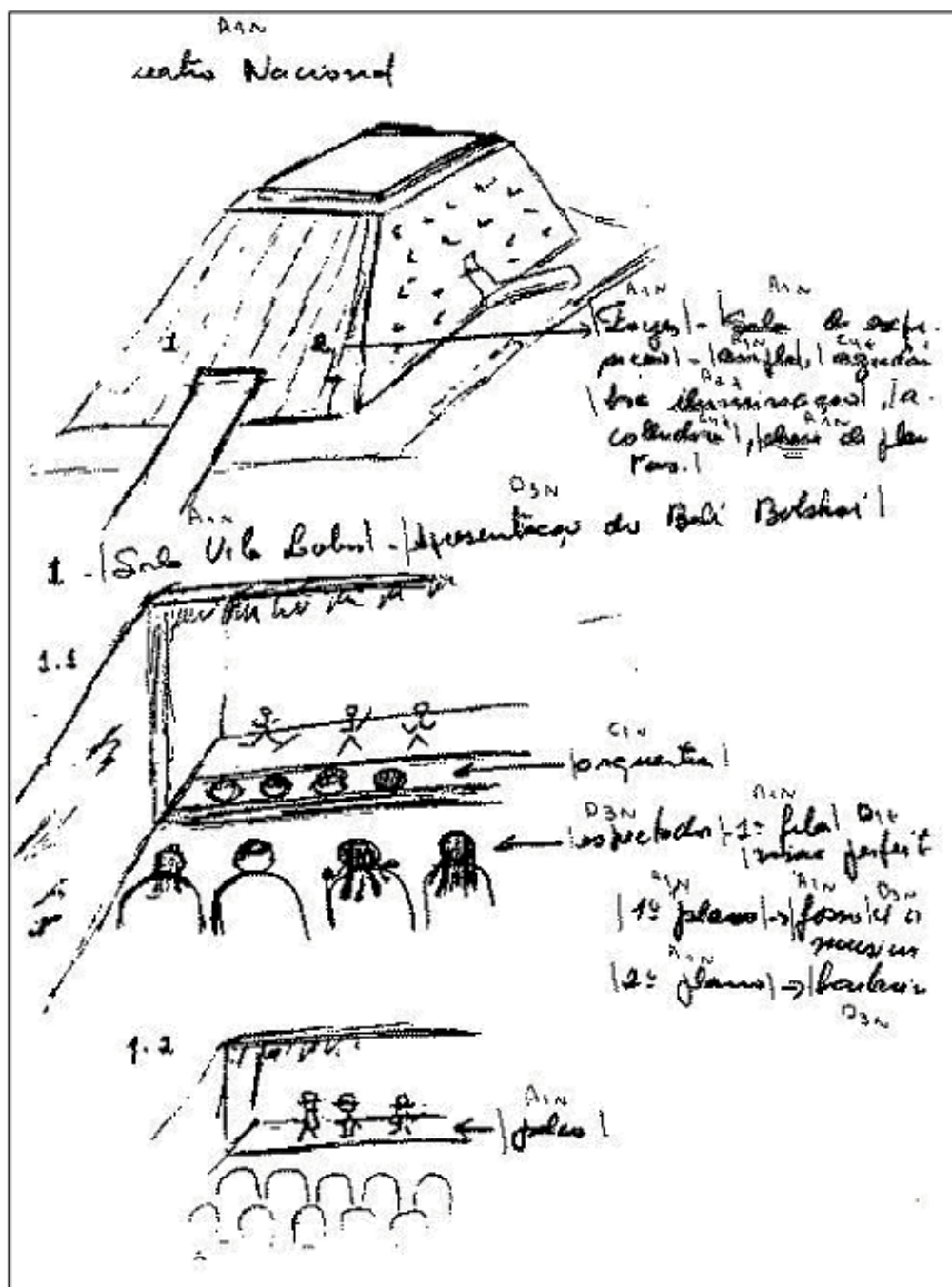


Figura 1. Desenho das partes externas e internas do Teatro Nacional de Brasília (F, 62, Superior, Asa Sul).

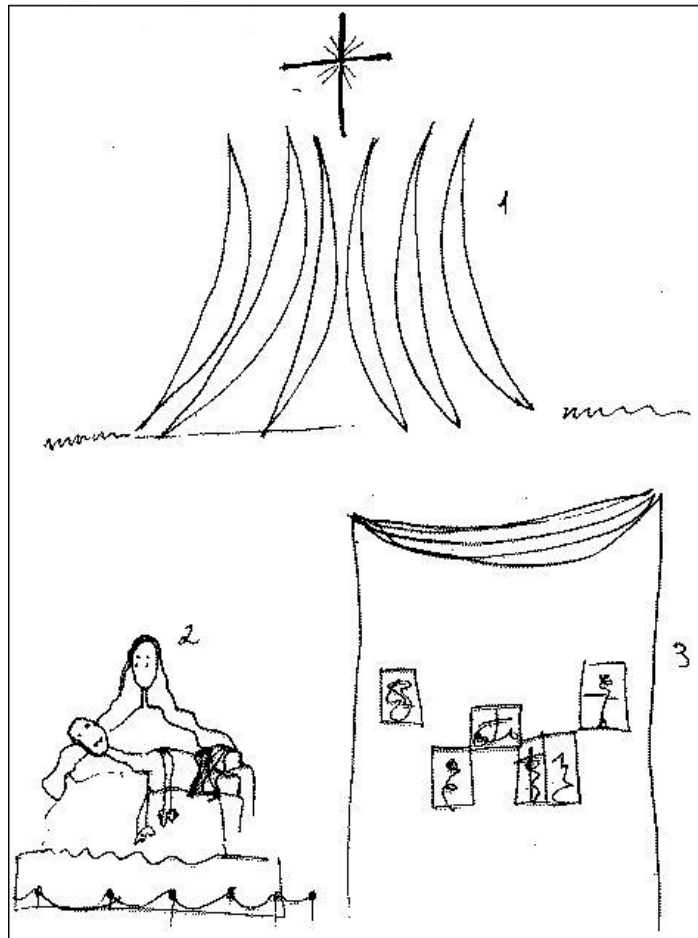


Figura 2. Desenho das partes externas e internas da Catedral de Brasília (F, 27, Médio, Guará).

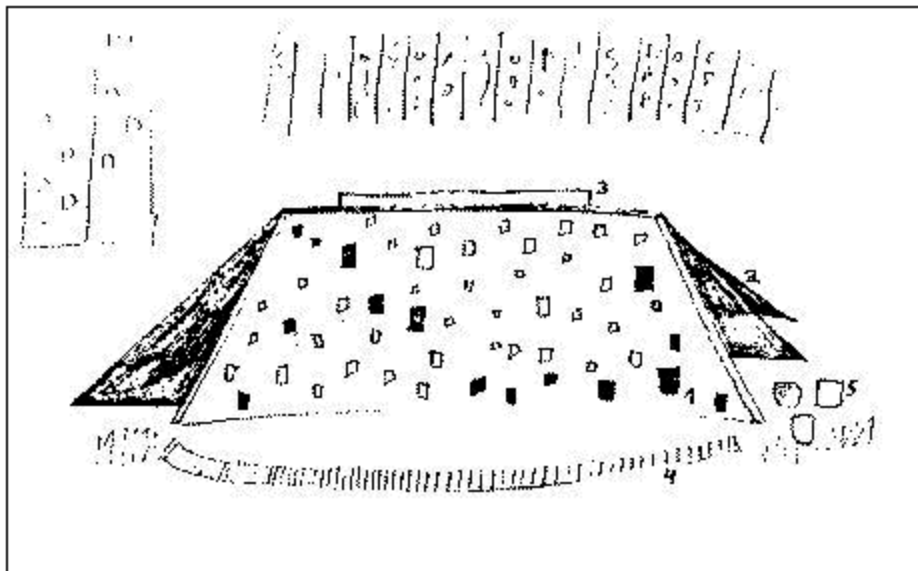


Figura 3. Desenho das partes internas e externas do Teatro Nacional de Brasília (M, 20, Superior, Lago Sul).

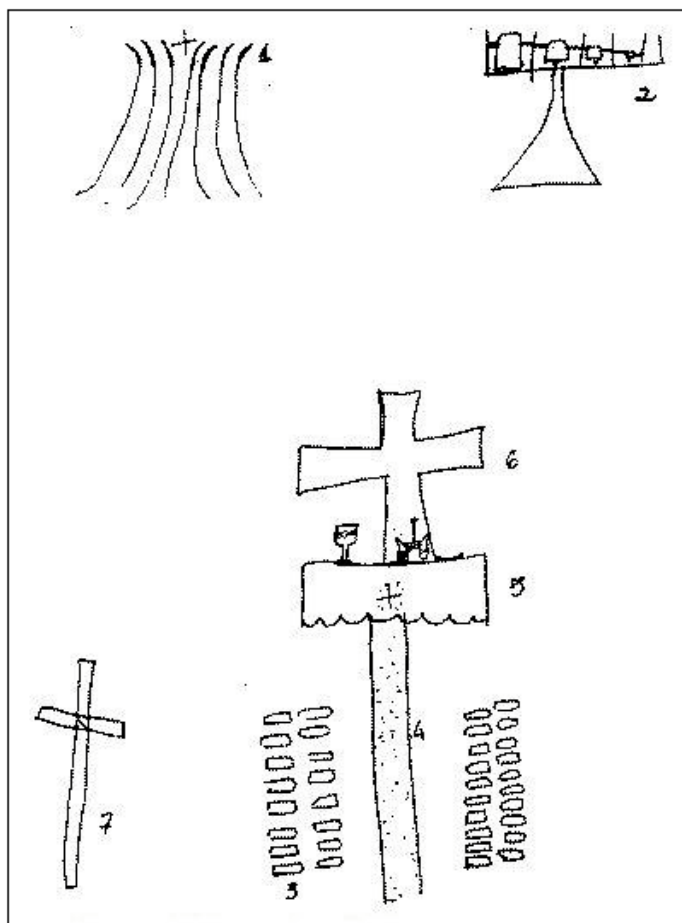


Figura 4. Desenho da Catedral de Brasília (F, 16, Médio, Asa Sul).

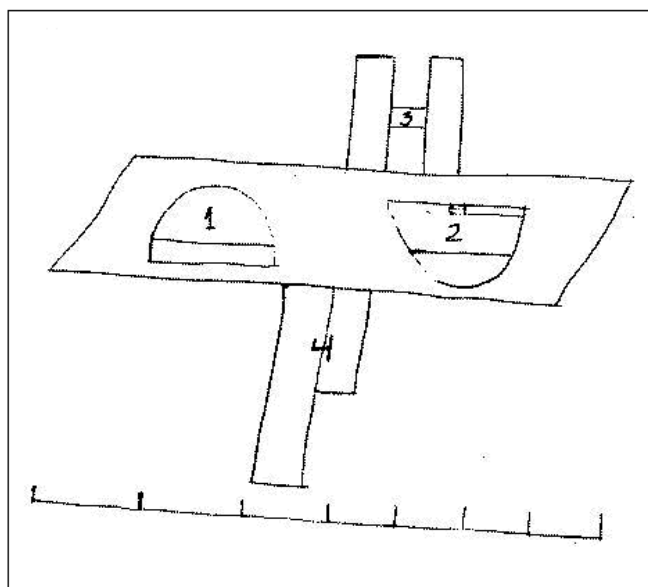


Figura 5. Desenho do Congresso Nacional de Brasília (M, 25, Médio, Ceilândia).

RESULTADOS

Abaixo os dados obtidos das descrições desenhadas e verbalizadas por usuários dos três prédios con-

cebidos por Niemeyer dispostos em tabelas que relacionam temas a atitudes favoráveis, neutras e desfavoráveis.

TABELA 1

Frequências e Percentagens de Temas Favoráveis, Neutros e Desfavoráveis Usados por Usuários de Prédios Públicos de Niemeyer em Brasília em Descrições Por Fora

	favoráveis		neutros		desfavoráveis	
	F	%	f	%	F	%
Físico-espacial/Tridimensional	188	<u>55,7</u>	11	12,7	3	3,2
Físico-espacial/Iluminação	6	1,7	2	2,3	2	2,1
Físico-espacial/Bidimensional	7	2,0	1	1,1	0	0
Físico-espacial/Ventilação	0	0	4	<u>4,6</u>	0	0
Físico-espacial/Acústica	2	0,5	0	0	0	0
Físico-espacial/Material	5	1,4	0	0	4	<u>4,3</u>
Apropriação-individual/Ver	7	2,0	1	1,1	0	0
Apropriação-individual/Circular	3	0,8	1	1,1	2	2,1
Apropriação-individual/fazer	8	2,3	4	4,6	22	<u>24,1</u>
Apropriação-individual/sentir	3	0,8	3	3,4	20	<u>21,9</u>
Apropriação-individual/imaginar	25	<u>7,4</u>	3	3,4	0	0
Apropriação-social/ver	5	1,4	2	2,3	3	3,2
Apropriação-social/Circular	4	1,1	2	2,3	8	<u>8,7</u>
Apropriação-social/Fazer	31	9,1	32	<u>37,2</u>	4	4,3
Apropriação-social/Sentir	1	0,2	2	2,3	3	3,2
Apropriação-social/imaginar	1	0,2	0	0	1	1,0
Sócio-cultural	18	5,3	1	1,1	17	<u>18,6</u>
Função social	23	6,8	17	<u>19,5</u>	2	2,1

TABELA 2

Frequências e Percentagens de Temas Favoráveis, Neutros e Desfavoráveis Usados por Usuários de Prédios Públicos de Niemeyer em Brasília em Descrições Por Dentro

	favoráveis		neutros		desfavoráveis	
	F	%	f	%	F	%
Físico-espacial/Tridimensional	77	<u>53,8</u>	9	15,7	3	2,8
Físico-espacial/Iluminação	2	1,3	2	3,5	0	0
Físico-espacial/Bidimensional	4	2,7	1	1,7	2	1,9
Físico-espacial/Ventilação	0	0	9	<u>15,7</u>	1	0,9
Físico-espacial/Acústica	1	0,6	0	0	0	0
Físico-espacial/Material	1	0,6	0	0	1	0,9
Apropriação-individual/Ver	2	1,3	0	0	1	0,9
Apropriação-individual/Circular	2	1,3	1	1,7	5	<u>4,8</u>
Apropriação-individual/fazer	2	1,3	3	5,2	21	<u>20,1</u>
Apropriação-individual/sentir	4	2,7	8	<u>14,0</u>	4	3,8
Apropriação-individual/imaginar	1	0,6	3	<u>5,2</u>	0	0
Apropriação-social/ver	2	1,3	2	3,5	5	<u>4,8</u>
Apropriação-social/Circular	6	4,1	1	1,7	4	3,8
Apropriação-social/Fazer	16	11,1	12	<u>21,0</u>	7	6,7
Apropriação-social/Sentir	3	2,0	1	1,7	1	0,9
Sócio-cultural	8	5,5	2	3,5	25	<u>12,5</u>
Função social	12	8,3	3	5,2	24	<u>11,5</u>

Em geral, os prédios foram representados tematicamente de modo diferenciado segundo a tarefa fosse desenhar/descrever verbalmente o prédio *por fora* ou *por dentro*, o que foi acompanhado por atitudes também diferenciadas. As atitudes em relação ao conteúdo Físico-espacial *por fora* da obra foram mais favoráveis, as quais diminuíram significativamente (junto a Apropriação individual e Apropriação social) quando na situação *por dentro* – X^2 (temas favoráveis *por fora* x *por dentro*)=27,226; gl=17; $p<0,0548$. Ou seja, os temas favoráveis *por fora* foram 70,2% das respostas, enquanto os favoráveis *por dentro* 29,7%, assim como os temas neutros foram 60,4% *por fora* e 39,5% *por dentro* e, enfim, os desfavoráveis *por fora* foram 46,6% e os *por dentro* 53,3%. Do mesmo jeito, Apropriação individual e Apropriação social foram aumentando de frequência, tanto *por dentro* quanto *por fora*, quando as atitudes eram neutras e/ou desfavoráveis. Na mesma direção, os conteúdos Socioculturais e Função social desfavoráveis tenderam a aumentar de frequência em representações *por dentro*. Enfim, em geral a comparação entre respostas desfavoráveis *por fora* e *por dentro* foram diferenciadas em termos de frequência – X^2 (temas desfavoráveis *por fora* x *por dentro*)=48,636; gl=16; $p<0,0001$ e X^2 (temas neutros *por fora* x *por dentro*)= não significativo), sendo que os temas mas desfavoráveis *por fora* foram Apropriação individual/sentir e Apropriação social/circular e *por dentro*, Função social e Apropriação social/fazer.

No detalhe, como dissemos, os prédios foram apreendidos *por fora*, sobretudo por seu aspecto Físico-espacial favorável, com destaque para os temas relativos a “material”, “iluminação” e “acústica”. Em termos de Apropriação individual, destacou-se o tema “imaginar”, ao passo que em Apropriação social predominou “fazer”.

Por dentro, os prédios foram representados de modo mais voltados para aspectos humanos como apropriação individual e social, assim como os não diretamente ligados à obra arquitetônica em si. No caso dos conteúdos favoráveis sobre Apropriação individual e social destacaram-se em ambos os temas sobre “sentir” e “circular”. Quanto aos conteúdos neutros foram mais frequentemente tratados como Físico-espacial/ventilação; Apropriação individual/sentir; Apropriação social/ver. Enfim, os temas desfavoráveis foram os seguintes: Físico-espacial (“tridimensional” e “bidimensional”); Apropriação individual e Apropriação social (“fazer” e “circular”).

Por último, procuramos categorizar 1) as estratégias gerais de apreensão dos prédios, 2) as relações

figura-fundo entre o prédio e seu entorno e 3) as perspectivas espaciais do observador. Assim, entre as estratégias gerais de apreensão a ordem de frequência foi como se segue: material, acabamento, parte, interligação, elemento plástico, estrutura e circulação. As figuras-fundo encontradas foram prédio/construções vizinhas, prédio/indivíduos, prédio-carro/pistas, prédio/ jardim. Enfim, as perspectivas foram por acima, diagonal de esquina, em frente, lateral.

Em geral, os participantes com maior nível de escolaridade verbalizaram mais a respeito dos prédios de Niemeyer, predominando entre eles aspectos externos neutros (Físico/espacial, Apropriação social, Função social); internos desfavoráveis (Apropriação individual, Apropriação social, Função social); internos neutros (Apropriação social), enquanto entre os participantes com nível de escolaridade fundamental prevaleceram os temas desfavoráveis de Apropriação individual.

As mulheres manifestaram-se mais favoravelmente em relação ao tema “estética” (*por fora* e *por dentro*), enquanto os homens o foram mais quanto à Apropriação social (*por dentro*). As mulheres foram desfavoráveis quanto ao aspecto Físico-espacial (*por dentro*) e neutras em relação a “estética” (*por dentro*), enquanto os homens mais desfavoráveis em Função social (*por dentro*).

Quanto ao tipo de prédio, observamos sobre o Teatro mais verbalizações *por fora* neutras e desfavoráveis a respeito de aspectos Físico-espaciais e Apropriação social; sobre a Catedral “estética” favorável. A Catedral *por dentro*, por sua vez, foi representada em termos de Apropriação individual favorável; o Teatro Apropriação social e Físico-espacial, neutra e desfavorável, e Apropriação individual desfavorável; enfim, o Congresso em termos de Função social desfavorável.

O tipo de usuário foi uma dimensão que mostrou um grande número de diferenciações. O Turista tendeu a ressaltar aspectos *por fora* de Apropriação individual/imaginar, neutros e favoráveis, enquanto o Trabalhador esporádico preferiu ressaltar aspectos como Apropriação social/sentir favorável. Enfim, o Trabalhador regular tendeu a indicar aspectos Apropriação social/fazer favorável.

Já os aspectos *por dentro*, o Turista apontou mais Apropriação individual/imaginar favorável. Além disso, o turista mencionou mais entorno prédio/construções vizinhas e prédio/carros/pistas. O Trabalhador esporádico indicou mais Apropriação individual/circular neutra e Função social. Por último, o Trabalhador regular se destacou em “estética” em geral; “estética”

favorável; Apropriação individual/sentir neutra; estratégia geral de apreensão em termos de elementos plásticos.

DISCUSSÃO

Antes de começarmos a discutir os resultados é preciso dizer que as análises que fizemos pretenderam focalizar sucintamente alguns aspectos da atividade de apropriação e avaliação do espaço arquitetônico construído. Trata-se assim de um fenômeno mais amplo de sociedade e cultura que merece mais investigações.

A pesquisa realizada confirmou comentários já conhecidos a respeito da discrepância na avaliação por parte de usuários da obra arquitetônica pública de Niemeyer, em termos de gerar atitudes ambivalentes, favoráveis e desfavoráveis, do exterior e interior, respectivamente. Em parte, são assuntos mais conhecidos externamente do que internamente, gerando estranhamentos já comentados anteriormente (Bachelard, 1993). Mas isso seria um bom argumento se não tivéssemos obtido praticamente o mesmo efeito entre os que frequentavam regularmente os prédios onde observamos usuários. Ou seja, estar diante de um objeto que já é considerado socialmente de modo favorável (ou desfavorável, quando considerado o interior do prédio), como uma grande realização em arquitetura, dificilmente geraria um comentário crítico ou uma reação de recusa. Nesse sentido, o fenômeno que estamos constatando diz respeito à “psicologia de massas” (Graumann & Krause, 1984) em que os indivíduos podem estar renunciando a usar da sua capacidade crítica, momentaneamente, em função de circunstâncias sociais e, mesmo, físicas. Um sintoma desse fenômeno poderia ser confirmado pela dificuldade de os conteúdos individuais se diferenciarem dos sociais, segundo o recorte adotado ao considerarmos estes últimos em termos de indivíduos em grupos ou coletivos, com exceção da atividade de imaginação, que praticamente não foi associada a grupos. Teria havido como um “contágio” de atitudes favoráveis. Como analisar esse fenômeno psicossocialmente?

É preciso dizer que os prédios públicos escolhidos para esta pesquisa na cidade de Brasília, desempenham um papel importante em muitos materiais simbólicos que analisamos. Eles são marcos, tanto artísticos quanto culturais da cidade, a qual, além de ser capital da república, não dispõe de muitos monumentos e objetos identificadores da sua história (Halbwachs, 1950), relativamente curta. Mesmo assim, podemos afirmar que a maioria das descrições que coletamos tendeu à atitude favorável, quando se

tratava de aspectos físico-espaciais dos prédios por fora, assim como quando descreviam as formas de apropriação individual/social externas; ainda que estas últimas tenham sido em menor frequência. Como se o trabalho para descrever a obra externamente exigisse um esforço e os fizessem esquecer sua interação real com a mesma. Mas a hipótese de certa decepção a respeito da parte interna dos prédios – aliás, mais manifestada pela queda de respostas favoráveis do que pelo aumento significativo de atitudes desfavoráveis nos três prédios onde pesquisamos –, foi confirmada nos três tipos de usuários, circunstância atenuada por alguns aspectos socioculturais, educacionais, entre outros, que apresentaremos mais adiante.

Hoje é possível dizer que o projeto de transferência da capital, liderado pelo presidente Kubitschek, representou uma mobilização importante na sociedade num certo momento da sua história (Holston, 1993; Rodrigues, 1990). Como um empreendimento estatal considerado por muitos como bem-sucedido, apesar das dúvidas de outros em relação a custos etc. Não é nosso propósito discutir o mérito do projeto de transferência de capital, que teve na obra de Niemeyer um dos seus pontos maiores. Mas justamente esse fato do ponto de vista social pode ter criado uma condição psicológica importante para a consagração popular do arquiteto brasileiro, independente do seu mérito individual respeitado por muitos. Partindo desse ângulo a obra de Niemeyer em Brasília teria sido mais um empreendimento coletivo estatal – o que, diga-se de passagem, é almejado por muitos brasileiros –, tendendo a modificar as suas funções sociais reais ou imaginárias. Assim, um prédio de função religiosa popular ou artística de meios sociais elevados, como no caso do teatro, que pode momentaneamente perder seu caráter popular ou não, respectivamente, tendo em vista a intenção de apoiar a manifestação coletiva de modernismo estatal, por exemplo. Contudo, esse último conteúdo praticamente não esteve espontaneamente associado a outros símbolos nacionais, senão à própria cidade que é capital da república. A arquitetura de Niemeyer representaria na sociedade brasileira a renovação de uma aspiração de construção de um Estado moderno, aparentemente sem uso explícito de outros símbolos do nacionalismo conhecidos historicamente (Billig, 1995), mas antes de tudo a partir da adoção de uma linguagem plástica que é, simultaneamente, imaginativa e racional. Contudo, é necessário sublinhar que, no caso da Catedral, por exemplo, houve extensa manifestação de símbolos religiosos por parte dos usuários, como detalhar e ressaltar imagens de personagens religiosos ou da cruz cristã, muitas

vezes predominando fisicamente por meio da deformação do desenho para aumentar o tamanho (e importância) de partes sobre o conjunto arquitetônico, selecionando ou omitindo e, assim, oferecendo um retrato mais de acordo com seus valores religiosos. Do mesmo modo, se o Congresso e o Teatro foram concebidos como locais para atividades humanas, como legislar e representar politicamente, assim como para o desempenho cênico e artístico, respectivamente, os usuários tenderam a verbalizar e desenhar os mesmos de modo mais “arquitetônico”, sem acrescentar aspectos vívidos, apropriar ou elaborar psicologicamente sua relação com os mesmos, sendo considerados como afastados ou neutros.

Do ponto de vista da arquitetura propriamente dita, a estrutura ou a consideração do prédio em seu conjunto foi muito pouco mencionada verbalmente (5,2%), a maioria tendo procurado apreender aspectos mais secundários, tais como os materiais, acabamento, partes, interligações ou elementos plásticos isolados. Acreditamos que tal resultado seja mais consequência da qualidade da obra, pouco usual, gerando certa perplexidade e estranheza entre os participantes. Ademais, a natureza da tarefa também pode ter sido considerada fora do comum, apesar de se tratarem de prédios nacionalmente conhecidos, uma vez que no país circula relativamente menos informação sobre arte e arquitetura. Contudo, procurando superar uma explícita falta de repertório verbal para tratar do assunto, os participantes desenharam aspectos espaciais mais complexos, de onde inferimos alguns conteúdos. Portanto, antes de incluírem aspectos pessoais (7,6%) da apreensão, os participantes preferiram mencionar a inserção dos prédios na natureza (79,4%), o que acreditamos não se dever à localização dos mesmos. Nesse sentido, as perspectivas espaciais de apreensão preferidas foram “sobre” o prédio (53,5%) e de “esquina” (34,8%), como se pretendessem atingir o prédio no conjunto. Podemos supor que eles preferiram uma posição de distanciamento em relação à obra ou, mesmo, de recuo psicológico que lembra o fenômeno observado por Simmel (1967) de intelectualizar a vida urbana, de considerá-la como muito afastada do senso comum do que seja um teatro, igreja ou congresso, poucos foram os que se referiram a experiências anteriores com prédios atendendo as mesmas funções. Assim, observamos que os prédios com funções sociais mais populares, tais como a Catedral obteve mais menções sobre a sua parte interna de apropriação individual favorável, ou seja, o próprio participante. Já o Teatro obteve descrições tanto favoráveis quanto desfavoráveis em termos de apropriação social. Enfim, o

Congresso Nacional praticamente não obteve temas de apropriação social/individual significativos estatisticamente, sendo mais representado em outros aspectos. Ou seja, a pressão dos afazeres cotidianos levaria os participantes a renunciarem a avaliar os prédios segundo objetivos mais contemplativos ou estéticos, por exemplo. Diferença que emergiu entre o Turista e os Trabalhadores esporádicos e regulares. Acreditamos que a escolaridade contribua mais para uma facilitação/bloqueio da expressão verbal, no sentido de estar mais disponível para a tarefa. Contudo, a escolaridade menor não impediu que manifestassem desagrado no trato com a obra arquitetônica, indicando não existir aquela “solenidade/áurea” que os acadêmicos costumam mostrar diante de objetos de arte e monumentos reconhecidos pelo *establishment* (Arendt, 1991). Poderíamos atribuir esse fenômeno a certa banalização e perda de legitimidade de obras de arte e produtos similares (Baudrillard, 2007), que perderam o poder da respeitabilidade em muitos países, facilitando às pessoas comuns o direito de comentar livremente o que quiserem, com os argumentos considerados mais oportunos ou pertinentes.

Enfim, podemos concluir afirmando que existem atitudes ambivalentes em relação às obras arquitetônicas modernas, que fazem uso de linguagens e técnicas fora do senso comum, como constatamos ao comparar as representações sociais da arquitetura de Niemeyer, em que as suas partes externas foram mais avaliadas positivamente que suas partes internas. Assim, apesar da obra em foco apresentar linguagens e conteúdos plásticos que a aproximam do senso comum, possivelmente foi seu caráter monumental público – que até certo ponto concretiza/realiza um projeto ou aspiração nacional de um Estado moderno imaginativo –, o que facilitou a sua popularidade, tornando-se marcos identificadores sociais tanto para os moradores da cidade de Brasília quanto para os brasileiros.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1979). *Os métodos projetivos* (M. L. E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Campus.
- Arendt, H. (1991). *A condição humana* (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense.
- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço* (A. P. Danesi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Baudrillard, J. J. (1997). *A arte da desapareição* (A. Skinner, Trad.). Rio de Janeiro: UFRJ.
- Baudrillard, J. J. (2007). *El complot del arte: Ilusion y desilusión estéticas* (I. Agoff, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Bardin, L. (1991). *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Barthes, R. (1957). *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bicca, P. (1985). Brasília: Mitos e realidades. Em A. Paviani (Org.), *Brasília, ideologia e realidade: Espaço urbano em questão* (pp. 101-133). São Paulo: Projeto.
- Billig, M. (1995). *Banal nationalism*. Londres: Sage.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A social critique of the judgement of taste* (R. Nice, Trad.). Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Canter, D., & Monteiro, C. M. G. (1984). The lattice of social representations: A comparison of the representations of occupations in favelas and middle class neighbourhoods of Brazil. Em G. Breakwell & D. Canter (Orgs.), *Empirical approaches to social representations*. (pp. 135-161). Oxford: Oxford University Press.
- Choay, F. (1965). *L'urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Éditions du Seuil.
- Czerchowski, N. (Org.) (1990). *Habiter, habité*. Paris: Autrement.
- De Rosa, A. S. (1987). The social representations of mental illness in children and adults. Em W. Doise & S. Moscovici (Orgs.), *Current issues in social psychology* (pp. 47-138) Cambridge: CUP.
- De Méredieu, F. (1990). *Le dessin d'enfant*. Paris: Blusson.
- Del Prette, A., & França, D. X. (1991). Aspectos psicológicos e sociais das invasões urbanas. Em ANPEPP (Org.), *Anais do III Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Psicologia* (pp. 190-194). Águas de São Pedro/SP: ANPEPP.
- Drummond, D. (1980). *Architectes des favelas*. Paris: Dunod.
- Eco, U. (1991). *Obra aberta* (G. Cutolo, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Fischer, G. N. (1980). *Psychosociologie de l'espace*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Fischer, G. N. (1989). *Psychologie sociale de l'environnement*. Toulouse: Editions Privat.
- Frampton, K. (2003). História crítica da arquitetura moderna (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Galli, I., & Nigro, G. (1987). The social representation of radiactivity among Italian children. *Social Science Information*, 26(3), 535-549.
- Graumann, C. F., & Krause, L. (1984). Masas, muchedumbres y densidad. Em S. Moscovici (Org.), *Psicologia social* (D. Rosenbaum, Trad.) (pp. 649-678). Barcelona: Paidós.
- Gullar, F. (1993). *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan.
- Gullar, F. (1999). *Etapas da arte contemporânea* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Revan.
- Halbwachs, M. (1950). *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Holston, J. (1993). *A cidade modernista: Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Joly, M. (1993). *Introduction à l'analyse de l'image*. Paris: Nathan.
- Lévy-Leboyer, C. (1980). *Psychologie et environnement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Milgram, S. (1984). Cities as social representations. Em R. M. Farr & S. Moscovici (Orgs.), *Social representations* (pp. 289-309). Londres: Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Moles, A., & Rohmer, E. (1978). *Psychologie de l'espace*. Paris: Casterman.
- Monteiro, C. M. G., Roazzi, A., & Figueiredo, D. M. F. (2006). Les représentations sociales du patrimoine Architectural. Em K. Weiss (Org.), *Social representations of environment* (pp. 87-98). Reihms: PUR.
- Moscovici, S. (1976). La psychanalyse, son image et son public. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1961)
- Pol, E. (1988). *La psicologia ambiental en Europa*. Barcelona: Anthropos.
- Ragon, M. (1986). Histoire de l'architecture et de l'urbanisme modernes. Paris: Casterman.
- Reznik, J. (1989). *Arquitetura, ideias e conceitos - Com textos de Lucio Costa*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Rodrigues, G. M. (1990). *Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de Brasília.
- Segawa, H. (2002). *Arquiteturas no Brasil, 1900-1990*. São Paulo: EDUSP.
- Simmel, C. (1967). A metrópole e a vida mental. Em O. G. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp. 13-28) (S. M. Reis, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Vygotsky, L. S. (2009). *A imaginação e a arte na infância: Ensaio psicológico* (M. S. Pereira, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água.

Recebido: 13/03/2009
Última revisão: 15/10/2009
Aceite final: 24/11/2009

Nota:

- ¹ Agradeço a Daniele Mendes, Eder Freddi, Laura Guerra, Raquel Willadino Braga, Rildo Alves Pereira e Telma Rosângela Koberstein, que aplicaram o questionário como exercício acadêmico, e ao apoio financeiro dado pelo CNPq.

Sobre o autor:

Edson Alves de Souza Filho: Doutor em Psicologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris). Professor Associado da UFRJ e membro do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ.

Endereço para correspondência: edsouzafilho@gmail.com.